

EXPEDIENTE

Capital Trimestre 1000
Interior e 1300
Número avulso 100
Anual 300
Pagamento adiantado

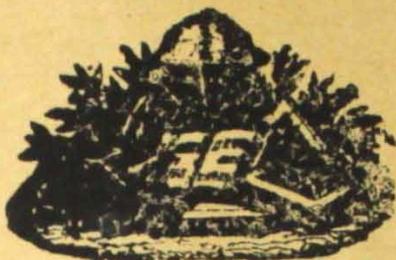
O LYRIO

Organ litterario e noticioso

Officina e Redacção
Liceu de Artes e Offi-
cios
Qualquer correspon-
dencia será entregue
a Oscar Camisão

REDACTORES DIVERSOS

Florianopolis, 28 de Dezembro de 1902



A PENNA

A penna este pequeni-
nho e fragil instrumento,
é que nos arremessa rigoro-
samente ao caminho cheio
de glorias do inabalavel
sustentaculo das lettras—
A Litteratura.

E' ella que traz ao co-
nhecimento dos povos, to-
dos os adiantamentos da
raça humana desde a iner-
cia do administrador até a
mais celebre conquista do
homem.

E' ella ainda que prova
de uma maneira evidente
e clara, o poder da ins-
trução.

A penna muito em bre-
ve, substituirá, o canhão e
a polvora e isto se realiza-
rá quando a humanidade com-
prehender que as questões
internacionais por mais
melindrosas que sejam,
não devem ser resolvidas
pelo derramamento do san-
gue de seus irmãos e sim
pela troca de notas de plo-
matas isto é, pelo arbitrio
ou por outra pela penna.

Portanto a penna nos
mostra a estrada do porvir.

Saudade

A' mimosa Altair

Era a hora magica do
cahir da tarde. O sol de-
pois de ter espalhado a
sua benéfica Luz nos pára-
mos do Universo; remon-
tava no Occaso.

O brando favénio agita-
va mansamente as folhas
das arvoros. Pouco a pou-
co as trevas de noite emer-
giam no infinito.

Ouvia-se no mattagal o
canto monotono dos sapos.

Na praia isolada a lua
estendia sobre a areia o su-
dario prateado do luar.

As ondinas beijadas pe-
la espuma christalina iam
fenecer de encontro as a-
reias que bordam esse im-
menso colosso que se cha-
ma Oceano.

Fictando o mar em toda
a extensão e isolamento
encontrei poesia mimosa
no Céu profundo dessa bel-
la noite de Setembro em
que as estrellas espalhavam
reflexos tremulos sobre as
aguas agitas do mar.

Insensivelmente foi in-
torpecendo o espirito até
que cahi em uma especie
de modorra que a uns tem-
pos me é frequente e cuja
causa ignoro. Que me ve-
ria a lembrança? Minha
mãe querida, minha infan-
cia feliz minhas collegas,

meu irmão. Pensara n'este
quando uma lagrima silen-
ciosa se desfiou pela minha
face.

Esta lagrima era o teste-
monho do mais puro amor
fraternal, era filha da sau-
dade e da inquietação.

Neste instante eu não
via senão a face negra da
vida e era entre esses
horrores que eu inquieta
pelo meu irmão exilado
enviava a Deus uma prece
repassada de lagrimas e
impregnada de melancolia.

Alceste

Crueidade

A' Jacy.

Era bello, sim muy bello
o homem cuja imagem
reinou em meu peito, cujo
phantasma porou por lon-
gas noites o meu cerebro
com encantadas visões de
amor. Era um elegante e
airoso cavalleiro de con-
torno aquilino physiono-
mia altiva e imperiosa, ca-
bellos dourados. Alto como
a palmeira que se ergue
vaidosa sem temer do ven-
to o accoite Os labios de
coral era emoldurado por
lindo bigode loiro. Seus
olhos eram quaes duas li-
das saphyras. A pureza
e o brilho dos mesmos re-
flectiam a cor do nosso

bello céu de azul. Oh! como eu me recordo desse olhar que a fatalidade matou para mim. Sua voz tinha o timbre harmonioso das indolentes celicus da Itália. O seu coração, esse não o conheci!

Como nasceti esse amor? como todos de um incidente fútil. Em uma das bellas tardes de Abril, na hora em que o monarcha da luz quasi a desaparecer franjava com seus raios as nuvens que se achavam no lado do occidente. Eu debruçava-me negligentemente em uma das janellas de minha pobre casa. Meus olhares fictaram o espaço elle'sh estava. Sandou-me eu enclinci-me ao mesmo tempo um bouquet de violetas cahia a meus pés.

Vencida pelo rubor e despeito apanhei precepidamente as flores e retirei-me

Foi no silencio de um gabinete que desfiz o bouquet e encontrei no mesmo uma missiva que me fez julgar o amor tal qual como devia ser. Senti minh'alma entumecida de muito gozo, meu coração parecia pequeno para possuir tanta alegria. Ah! a commoção me fez derramar a minha primeira lagrima de amor e ventura.

Oh! como é doce ser-se amada, entretanto não basta isso é preciso que se ame um ente digno e nobre do nome de esposo, não pelo dinheiro, mas por tudo mais que lhe disser respeito.

Meu affecto foi de curta duração, viveu pouco mais que a existencia de uma flor. Decorridos alguns dias Deus mostrou-me que aquelle a quem minh'alma se tinha voluntariamente

eservisado tinha tanto de bello como de perfido. Ah! derramei então a minha primeira lagrima de des-

ventura e a descrença envolveu para sempre minh'alma no sudario da magua.
Carmen.

Hontem e hoje

I

Hontem, aurora encantadora me sorria
O céu mostrava-me suas delirantes cores,
Os beija-flores, alegres beijavam as flores.
Era para o meu coração tudo alegria.

Hontem! oh! sim hontem a meu lado via,
A deusa dos meus encantos, dos meus amores,
A donzella dos meus sonhos, com seus olores
Onde minh'alma, sorrindo se expandia.

Hontem, voavam contentes as andorinhas,
De um para outro lado, a procura de palhinhas,
Para organisarem os seus formosos ninhos!

Hontem, eu ouvia canticos tão saudosos,
E tinha os meus amores, tão venturosos,
Que encantava-me, o cantar dos passarinhos.

II

Hoje, só vejo o clarão do tristonho cyrio,
E triste bem triste, vive meu coração,
Por tua causa Maria, que sem compaixão
Deixastes minh'alma, triste como um lyrio.

Hoje, tudo são tristezas, tudo é martyrio,
Minh'alma, já não tem uma consolação!
Sò tem como alivio, o punhal da traição
E o calix amargurado do delirio

Hoje, Maria, consolo-me com o soffrer
Com os martyrios, e horrivel padecer!
Destinado por teu coração trahidor.

Hoje, sò me resta d'esse amor ingrato
Contemplar o teu archanjelico retrato,
E depois, succumbir na mais profunda dor.

Tertuliano Silva.

sonho

Era alta noite, a lua aquelle astro brilhante, envolvia-se em negras nuvens, eu aquecia-me a um leito tristonho.

Dormi e sonhei, sim so-

nei que achava-me sentado a um banco de um jardim, quando vi uma jovem toda de branco aproximar-se; conheci: era ella, sempre linda e prazenteira; fui a seu encontro para dar mais uma prova de amor que a dedicava, porem ella

a ingrata, fingindo-se muda nada me disse; então, conheci que para ella já estava esquecido.

Ficando indignado e ainda mais... louco por esta ingratição, voltei-me e disse:

Esqueceste-me ingrata?!

Lembras-te do passado, olha o presente, pensa o futuro e nada mais te digo. Adeus!

Mas eis que ella banhada em lagrimas acompanha-me dizendo: Perdoa-me.. Perdoa-me...

O coração palpitou-me violentamente e fui abraçal-a nas neste instante acordejme e vi que isto não passava de um sonho doirado.

H. Domingues

O QUE É O AMOR

A' H. Alves

Falla de amor a veiga sussurrante aos osculos tímidos da viração que passa...

Falla de amor a esquiva jurity no seu maguado arulhar, despertando os echos adormecidos do bosque silencioso...

Fallam de amor as estrellas trem-luzentes no céu serenamente azul da primavera...

Falla de amor a florserena que desabrocha na encosta virente do valle, na sua mudez triste, a solidão que a cerca..

Falla de amor o mar que languidamente marulha, por noites claras do luar formoso, espreguiçando-se na praia deserta e branca..

Falla de amor o nauta que, longe da patria e da mulher amada, manda em sentidas endeixas, as suas fundas saudades a mulher amada e a patria

distantes...

Falla de amor a mãe carinhosa nos beijos que dá nos louros cabellos annellados do filho estremecido...

Falla de amor a natureza inteira, cantando, sor-

rindo, brilhando, porque a natureza inteira feita sublime de Deus, só pode adorar a Deus fallando de amor, porque o amor é do céu e de Deus...

Ronega Serip.

vida atormentada

Oh! vida acerba! prizão escura,
que no ardor vive meu coração
completo de illuzões;
fazendo da corrupção a sepultura,
embriaga minh'alma na fatal paixão
em pallidas vizões!

Oh! vida acerba! atroz de sacrificio,
onde a esperança, no alvião martyrio,
curva-se ao padecer,
so temo a dor a amputação do vicio
o calix da amargura e do delirio
o perfil sofrer

Oh! vida acerba! atroz do desatino,
que não tem uma consolação, um halido,
nos moldes da caridade.
oh! vida cruel! vida d'um perigrino
que procurando amor, sempre pallido,
baixa a eternidade.

Oh! vida acerba! atroz de soffrimento,
onde o amor, esperança, alegria
tudo e tudo morreu
louco eu era pelo o azul do firmamento
derrepente minha penna entrestecia
Donato desapareceu

Tranquilino Guanabara.

Crepusculo matutino

A' Cícero Claudio

E' admiravelmente bello ver-se surgir por entre nuvens de rosa e ouro que purpuram o Azul, o Crepusculo matutino trazendo envolto em seu manto diamantino as alegrias e a Esperança ao lar domestico.

E' n'esta hora que o trabalhador laborioso ergue-se do leito onde descançou

durante á noite das fadigas do dia anterior para começar novamente das mesmas fadigas.

E' nesta hora que a passarada contente e alegremente, entoam com seus maviosos cantos, por sobre os ramos das arvores, auda orvalhados, psalmos rhythmados de doçuras em honra ao Deus do Dia.

E' bello, é imponente mesmo, contemplar-se este quadro allegorico que a

Natureza festiva nos apresenta e que a imaginação do homem não o pode descrever nem o pincel do pintor o pode bosquejar fielmente

O raiar do Crepusculo Matutino por entre nuvens de rosa e ouro que purpuriam no Azul é admiravelmente bello de ver-se.

Brazilino Junior

A Lazaro Bastos

Na expressão angelica do seu rosto, no seu docelhar de virgem innocente existe um poema de amor.

Vinha rompendo a manhã...

—Celia— estremeceu e dentre os fofos lençoes de linho ressendo nos de sandalo, um corpinho gracil surge, espreguiça-se e balbucia—é tão tarde!!

Preguiçosamente levanta-se e n'uma faceirice de mulher bonita contempla-se n'um grande espelho de fino crystal.

Ruborisam-se-lhe as faces e n'um assomo brusco de pejo, apanhando um roupão de rendas, e bordados, donde se adivinhava um corpihuo palpitante e rosado, vestiu-se.

O Cobalto da abobada celeste tingia-se de uns laivos roseos, onde Phebo dentre em pouco, jorrava luz e calor.

—Celia— apressadamente compoz os seus lindos e perfusos cabellos, desce a escada que levava ao jardim.

A natureza toda louça era poesia, era festa.

A perenne orchestra transcendental dos passaros, convidativa ao deleite extasiava-a.

Ao som desta musica intangível—Celia—com uma varinha tão delicada, como

o talhe de seu corpo, traçava na areia duas letras,
—L. B.—quando seu pae subtilmente approxima-se, bate-lhe nas faces rosadas e pergunta:

—Que fazes ahí louqui-

nha?

Sem se perturbar diz-lhe —ouvindo a musica dos passaros; ouça-os meu pai, e veja como é bello os seus cantares

Ubirajara

Amor

Endou-se hoje a esperança minha,
Na mortalha encerrada eu a vi
Mas no seu coração sempre eu li
Que santo amor ella n.e tinha.

Ella, era exemplar caridade,
Era a minha doce esperança,
E na sua crespa e linda trança
Envolvida acompanhou-a a saudade

Dorme oh! anjo, n'esta louza fria,
Emquanto eu suspiro dja a dia
Nesta vida de dor e crueldade.

Nesta terra meu Deus sem compaixão,
No cemiterio este frio Leão,
Desfolharei as lagrimas da saudade.

Cicero Claudio

NOT. CLARLO

Album alegre

No delicado e mimoso album de sua muito apreciada existencia, virou mais uma pagina no dja 26 do corrente, a sympathica senhorita Maria O. de Oliveira, dilecta filha de D. Sara Silveira de Oliveira.

A festejante desejamos felicidades, seguidas de vida longa.

Festejou a 25 do corrente mais um anno de existencia, o nosso amigo Manoel Britto, irmão do nosso companheiro de redacção, Clementino B. de Britto.

Muitas felicidades é que desejamos.

S. Irmão Joaquim

Com muita concorrência esta carictativa sociedade realizou a 25 do corrente sua 5. conferencia, orando o intelligente professor wenceslau Bueno de Gouvea, sobre a these: O christianismo é a religião dos pobres, o qual foi muito applaudido.

Estavam presentes os Srs. Edgard Schutel pela «Republica» e Club da Imprensa, Pedro Bosco, Euclides Schmidt, Romeu Margarida e Francisco Paiva pela União dos Artistas e pelo nosso jornal, Flavio Dutra.

Deixamos de publicar o torneio charadistico e as decifrações das charadas do numero pasado por falta de espaço. Pedimos desculpa.